

MENSURAÇÃO DA SENSIBILIDADE AO CONTRASTE PARA GRADES SENOIDAIS EM CRIANÇAS SURDAS E OUVINTES.

Jandilson Avelino da Silva⁽²⁾, Emília Suitberta Oliveira Trigueiro⁽¹⁾, Paloma Cavalcante Bezerra⁽²⁾, Éllen Dias Nicácio da Cruz⁽²⁾, Liana Chaves Mendes⁽³⁾, Natanael Antonio dos Santos⁽³⁾.

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Departamento de Psicologia/ Laboratório de Percepção, Neurociências e Comportamento (LPNeC)/EXTENSÃO.

O comprometimento da audição na infância fornece uma oportunidade original de se examinar as consequências perceptuais da experiência sensorial alterada, particularmente observações acerca do processo perceptivo da visão. Desta maneira, nós comparamos a percepção visual do contraste de crianças surdas e ouvintes usando a função da sensibilidade ao contraste (FSC) para caracterizar e acompanhar possíveis alterações. A sensibilidade ao contraste é o inverso do limiar de contraste que é definido como a quantidade mínima de brilho necessária para detectar um objeto. Participaram deste estudo 16 crianças, sendo oito surdas e oito ouvintes sem deficiência, de 08 a 11 anos de idade com acuidade visual normal ou corrigida. Para determinação das curvas de sensibilidade ao contraste foi usado o método psicofísico da escolha forçada e os estímulos espaciais nas frequências de 0.25, 2.0 e 8.0 cpg. Cada uma destas frequências foi testada pelo menos duas vezes por cada criança em dias deferentes. Durante cada sessão experimental, pares de estímulos, um que continha uma das frequências espaciais acima, e um outro que continha somente um círculo cinzento com luminância média de 42 cd/m², foram apresentados. A ordem em que os estímulos foram apresentados eram aleatórios. A tarefa do indivíduo, recomendada pelo experimentador era selecionar o estímulo que continha a frequência espacial. As medidas foram feitas a uma distância de 150 cm da tela de um monitor de vídeo digital LG de 19 polegadas, binocularmente. Foram dadas as mesmas instruções para todas as crianças que participaram do experimento, sendo que as crianças surdas foram informadas de como deveriam proceder, em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Orientava-se aos participantes, antes da sessão experimental, que fosse pressionado o botão esquerdo do mouse quando julgasse que o estímulo de teste era apresentado primeiro e o botão direito do mouse quando julgasse que o estímulo de teste era apresentado após o estímulo neutro. O critério adotado para mensurar cada uma das curvas foi de três acertos consecutivos para diminuir uma unidade de contraste e de um erro para aumentar essa mesma unidade (0,08 %). A análise (ANOVA) não mostrou nenhuma diferença significativa entre o FSC nas crianças surdas e ouvintes [$F(1,190) = 0.008$; $p > 0.05$]. Mas a análise no Post Hoc Tukey HSD revelou uma diferença significativa na frequência de 8.0 cpg ($p < 0.001$). Estes resultados sugerem desta forma que crianças surdas percebem melhor, frequências espaciais altas (i.e. 8.0 cpg) que crianças ouvintes. Pesquisa apoiada pelo CNPq e PROBEX – UFPB.

PALAVRAS – CHAVE: Crianças; Surdos; Função de Sensibilidade ao Contraste; Estímulo em Grades Senoidais.

⁽¹⁾ Aluno(a) Bolsista; ⁽²⁾ Aluno(a) Voluntário(a); ⁽³⁾ Prof(a) Orientador(a)/Coordenador(a); ⁽⁴⁾ Prof(a) Colaborador(a); ⁽⁵⁾ Servidor Técnico/Colaborador

